

## Pressupostos teológicos de Francisco sobre o lugar da mulher na Igreja

Priscila Cirino Teixeira<sup>1</sup>

### 1. UM DOS LIMITES DA LIDERANÇA DE FRANCISCO, NA LEITURA FEITA POR MULHERES, DIZ RESPEITO À COMPREENSÃO QUE ELE TEM DA VOCAÇÃO, LUGAR E MISSÃO DA MULHER NA IGREJA. EM SUA OPINIÃO, ESSES LIMITES SE DEVEM MAIS À TEOLOGIA DE FRANCISCO OU ÀS RESISTÊNCIAS FORTES QUE SE ENCONTRAM NO SEIO DA INSTITUIÇÃO ECLESIAL?

Penso que os limites se devem aos dois fatores: tanto às resistências que o Papa vem enfrentando em seu pontificado, quanto à teologia de Francisco, especialmente no que se refere à sua compreensão do que é próprio da mulher, ou das mulheres (e, consequentemente, também sua compreensão do que seja próprio do homem, ou dos homens).

Para responder a essa questão, gostaria de destacar, primeiramente, os avanços neste terreno. Hoje, estamos falando de limites e resistências do/ao pontificado de Francisco, mas estivemos, nos dois dias anteriores do Colóquio, tratando dos avanços, que são certamente muito mais significativos do que os limites. Além disso, trata-se de um pontificado que ainda está acontecendo e, portanto, quero situar minha reflexão no horizonte da esperança de que ainda se caminhe no que atualmente vemos como falhas.

Tendo isso em conta, destaco que, nos primeiros anos do pontificado de Francisco, tivemos sinais muito positivos em relação à missão e ao lugar das mulheres na Igreja. Recordo alguns exemplos, que, na ocasião, geraram bastante entusiasmo, porque foram vistos como mudanças significativas e relevantes.

Já na *Evangelii Gaudium*, a primeira Exortação Apostólica de Francisco, publicada no primeiro ano do seu pontificado (2013), temos dois números em que o Papa fala sobre a necessidade de ampliar os espaços de atuação das mulheres na Igreja (FRANCISCO, 2013). Em um deles, lemos o seguinte:

Vejo, com prazer, como muitas mulheres partilham responsabilidades pastorais juntamente com os sacerdotes, contribuem para o acompanhamento de pessoas, famílias ou grupos e prestam novas contribuições para a reflexão teológica. *Mas ainda é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja.* Por-

<sup>1</sup> Formada em comunicação, bacharel e mestre em teologia pela FAJE, doutoranda em teologia pela FAJE. Bolsista CAPES.

que ‘o gênio feminino é necessário em todas as expressões da vida social; por isso *deve ser garantida a presença das mulheres também no âmbito do trabalho*’ e nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais (EG 103, grifo meu).

Outro fato relevante foi a instituição, em agosto de 2016, da Comissão de Estudo sobre o Diaconato das Mulheres, em atenção ao pedido feito, em maio daquele ano, pela União Internacional das Superiores Gerais (UISG) (FRANCISCO, 2016). Essa decisão do Papa teve ampla repercussão e suscitou muita esperança de que fosse um passo para uma posterior abertura do ministério ordenado às mulheres.

Nesse mesmo ano, outra mudança realizada por Francisco passou quase despercebida, mas a considero de grande importância. Em junho de 2016, a celebração de Santa Maria Madalena foi elevada de memória a festa. A mudança no grau da celebração litúrgica é significativa, especialmente se nos atentamos para alguns detalhes presentes no decreto (CCDDS, 2016) que a instituiu e em um pequeno artigo, assinado pelo secretário Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, publicado juntamente com o decreto (ROCHE, 2016). Nesse artigo, foram corrigidos erros históricos que associaram equivocadamente Maria Madalena à pecadora de Lc 7, à mulher adúltera de Jo 8, e a Maria de Betânia. Além disso, o decreto retoma o título de Santa Maria Madalena como “apóstola dos apóstolos”, expressão incluída no prefácio próprio da missa de sua festa, que acontece no dia 22 de julho. No entanto, essa mudança ficou invisibilizada, como tantos outros fatos históricos que poderiam dar mais espaço e poder às mulheres na Igreja. Destaco esse fato porque não é pouca coisa equiparar liturgicamente Santa Maria Madalena aos apóstolos!

Assim, essas manifestações positivas foram progressivamente perdendo força. No caso da Comissão sobre o diaconato das mulheres, os trabalhos não conduziram a nenhum consenso e ela foi dissolvida em 2018. Nesse caso, vimos manifestada a influência das resistências de certos (ou muitos) setores eclesiais, dificultando que a questão pudesse efetivamente avançar. A informação de que a Comissão chegou a resultados inconclusivos, dada pelo Papa às superiores gerais, não caiu bem na UISG. Na reunião, realizada em maio de 2019, o Papa lhes disse: “Não posso fazer um decreto sacramental sem um fundamento teológico, histórico. Trabalhou-se o suficiente, mas é pouco: o resultado não é tão bom. Contudo é um passo em frente” (FRANCISCO, 2019). A notícia da inconformidade da maioria das superiores gerais com essa resposta do Papa teve pouquíssima divulgação na época.

O Sínodo Panamazônico trouxe novamente a questão para o debate eclesial e motivou a instituição de uma nova comissão sobre o mesmo tema. Essa segunda comissão foi nomeada em abril de 2020, mas sua primeira reunião aconteceu apenas em setembro de 2021! Atribuiu-se o atraso no início dos trabalhos à pandemia. Porém, muito se fez de modo remoto em 2020 e 2021. Por que não também essa reunião? De algum modo, podemos notar

aqui (e não somente) resistências a uma discussão sobre a atuação das mulheres na Igreja que realmente incida sobre práticas eclesiais concretas.

Mencionei o Sínodo Panamazônico e creio que aqui temos outro exemplo de como as resistências a mudanças estruturais poderiam estar influenciando as decisões do Papa Francisco. Na fase de consulta prévia ao Sínodo Panamazônico, foi solicitado o diaconato permanente para as mulheres (SGSB, 2019). O tema foi debatido, em alguma medida, durante o Sínodo e, em seu documento final, lemos: “é urgente que se promovam e confirmem ministérios para homens e mulheres de maneira equitativa para a Igreja na Amazônia” (SGSB, 2019, n. 95). E, finalmente, na *Exortação Querida Amazônia*, registrou-se o seguinte:

Numa Igreja sinodal, as mulheres, que de fato realizam um papel central nas comunidades amazônicas, deveriam poder ter acesso a funções e inclusive serviços eclesiais que não requeiram a Ordem sacra e permitam expressar melhor o seu lugar próprio. *Convém recordar que tais serviços implicam uma estabilidade, um reconhecimento público e um envio por parte do bispo.* Daqui resulta também que as mulheres tenham uma incidência real e efetiva na organização, nas decisões mais importantes e na guia das comunidades, mas sem deixar de o fazer no estilo próprio do seu perfil feminino (QA, n. 103, grifo meu).

Percebemos facilmente que aquilo que este número indica não chega nem perto do que nas consultas prévias se propunha e do que o próprio Sínodo pediu ao Papa, mas, ainda assim, haveria, a partir desse número de QA, possibilidade de avançar para ministérios instituídos para mulheres. Esse, porém, não foi o caminho tomado até agora.

Nesta trajetória, não podemos esquecer as nomeações de mulheres para altos cargos na Cúria Romana, mas falarei disso daqui a pouco. Antes gostaria de explicitar o que considero ser outro momento do pontificado de Francisco em relação às mulheres e que se relaciona com sua compreensão da nossa identidade e, consequentemente, do nosso lugar na Igreja e no mundo.

Parecia que, como em outros temas, o percurso rumo a uma maior participação das mulheres nas instâncias decisivas da Igreja e a uma revisão – inclusive teológica – sobre nossos direitos eclesiais ia se fazendo mais lento por causa das resistências de setores eclesiais. Era como se o Papa estivesse desacelerando o ritmo por prudência pastoral, para salvaguardar a comunhão eclesial (como vimos acontecer em outros assuntos). Entretanto, os últimos pronunciamentos de Francisco, infelizmente, apontam em outra direção.

Em quase todas as entrevistas concedidas pelo Papa ao longo de seu pontificado, surgia a pergunta sobre o papel e o lugar das mulheres na Igreja. Em geral, as respostas dadas por ele iam em duas direções: em relação à possibilidade do ministério ordenado para as mulheres, a questão está fechada (e aí Francisco remetia, geralmente, à formulação de João Paulo II,

tomando-a por definitiva); ao mesmo tempo, o Papa enfatizava a importância de ampliar a participação das mulheres nas instâncias de decisão eclesiais.

O que mudou então? Desde novembro do ano passado, para responder sobre o lugar das mulheres na Igreja, Francisco começou a invocar o princípio dual (para não dizer dualista) do ministério petrino e do ministério mariano na Igreja. De certo modo, algo dessa compreensão estava presente anteriormente, mas, nos últimos meses, ficou explícito e se tornou um argumento frequentemente repetido pelo Papa.

E, assim, chegamos ao tema da teologia de Francisco a esse respeito. Teologia que já estava naquele número da *Evangelii Gaudium* que foi tomado com grande entusiasmo, mas talvez preferimos fazer como que não víamos e enfatizar apenas uma parte do seu conteúdo. Até porque essa teologia não parecia ter tanta influência sobre o conjunto dos pronunciamentos e escritos do Papa Francisco. Agora, porém, já não é assim.

Para explicitar o assunto, recorro a um artigo da teóloga colombiana Isabel Corpas de Posada, no qual ela comenta o uso que o Papa Francisco tem feito desse duplo princípio (CORPAS DE POSADA, 2023). Segundo Posadas, o duplo princípio petrino-mariano foi proposto no século passado pelo teólogo alemão Hans Urs von Balthasar no âmbito do ecumenismo. Posteriormente, apareceu também (de modo não explícito, mas como pano de fundo de algumas afirmações), em 1974, na exortação apostólica *Marialis cultus*, de Paulo VI. Nessa exortação, o papel de Maria na Igreja é comparado ao exercido pelas mulheres nas famílias: Deus

colocou na sua família – a Igreja – como em todo e qualquer lar doméstico, a figura de uma mulher, que, escondidamente e em espírito de serviço, vela pelo seu bem e ‘benignamente’ protege, na sua caminhada em direção à Pátria, até que chegue o dia glorioso do Senhor (PAULO VI, 1974).

Paulo VI retomou a afirmação de von Balthasar segundo a qual “o elemento mariano governa escondidamente na Igreja, como a mulher no lar doméstico”. Atentemos, portanto, para o fato de que o princípio mariano prevê uma caracterização materna e doméstica do papel das mulheres.

Na esteira dessa abordagem, em entrevista concedida em março deste ano, assim como o fez em outros pronunciamentos, o Papa Francisco afirmou: “o princípio petrino é o disciplinar, o do governo, mais hierárquico – diácono, sacerdote, bispo, etc. – e o princípio maternal, o da contenção da Igreja, da comunidade, que se chama princípio mariano” (FRANCISCO, apud DIEZ, 2023, 36min19s).

Podemos apontar uma série de problemas nessa compreensão. O primeiro deles – sobre o qual não me deterei – é que nem toda mulher é mãe, nem toda mulher pode ser mãe, nem toda mulher quer ser mãe. Associar o papel da mulher na Igreja à maternidade é extremamente limitante, ainda que associando tal lugar ao de Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe.

Como disse antes, essa ideia já estava, de algum modo, expressa na *Evangelii Gaudium*<sup>2</sup> e voltou a aparecer em *Querida Amazônia*<sup>3</sup>. Não era, no entanto, o argumento ao qual o Papa costumava dar maior ênfase.

A visão antropológica que rege esse princípio dos ministérios petrino e mariano é a chamada antropologia da complementaridade, que

eleva a diferença sexual a um princípio ontológico que divide a raça humana em dois tipos de pessoas radicalmente diferentes: homens que têm natureza masculina e mulheres que têm natureza feminina. Cada tipo vem equipado com um conjunto essencialmente distinto de características (JOHNSON, 2006, p. 74).

Essa perspectiva antropológica é bastante difundida na Igreja e orienta muitas afirmações teológicas, eclesiológicas e pastorais, seja em versões mais explícitas e facilmente criticáveis (como, por exemplo, a que afirma a submissão da mulher ao homem na vida doméstica e eclesial, invocando textos do *corpus* paulino), seja em suas versões simpáticas e ternas, agradáveis e adocicadas, com adornos e elogios vários a nós mulheres (como são as afirmações do Papa).

Na mesma entrevista, Francisco dá seguimento à sua argumentação:

a Igreja é mulher, está sob o princípio mariano, que é muito mais importante; uma mulher na Igreja é muito mais importante que um padre porque o princípio mariano abrange tudo e toca a feminilidade da Igreja. Hierarquicamente, um padre é mais importante que a mulher, mas porque há uma hierarquização do ministério (FRANCISCO, apud DIEZ, 2023, 36min39s a 36min59s).

2 “A Igreja reconhece a indispensável contribuição da mulher na sociedade, com *uma sensibilidade, uma intuição e certas capacidades peculiares*, que habitualmente são mais próprias das mulheres que dos homens. *Por exemplo, a especial solicitude feminina pelos outros, que se exprime de modo particular, mas não exclusivamente, na maternidade*” (EG, n. 103, grifo meu). “As reivindicações dos legítimos direitos das mulheres, a partir da firme convicção de que homens e mulheres têm a mesma dignidade, colocam à Igreja questões profundas que a desafiam e não se podem iludir superficialmente. *O sacerdócio reservado aos homens, como sinal de Cristo Esposo que Se entrega na Eucaristia, é uma questão que não se põe em discussão*, mas pode tornar-se particularmente controversa se se identifica demasiado a potestade sacramental com o poder” (EG, n. 104, grifo meu).

3 “Jesus Cristo apresenta-Se como Esposo da comunidade que celebra a Eucaristia, através da figura de um varão que a ela preside como sinal do único Sacerdote. Este diálogo entre o Esposo e a esposa que se eleva na adoração e santifica a comunidade não deveria fechar-nos em concepções parciais sobre o poder na Igreja. Porque o Senhor quis manifestar o seu poder e o seu amor através de dois rostos humanos: o de seu divino Filho feito homem e o de uma criatura que é mulher, Maria. *As mulheres prestam à Igreja a sua contribuição segundo o modo que lhes é próprio* e prolongando a força e a ternura de Maria, a Mãe. Deste modo não nos limitamos a uma impostação funcional, mas entramos na estrutura íntima da Igreja. Assim compreendemos radicalmente por que, sem as mulheres, ela se desmorona, como teriam caído aos pedaços muitas comunidades da Amazônia se não estivessem lá as mulheres, sustentando-as, conservando-as e cuidando delas. Isto mostra qual é o seu poder característico” (QA, n. 101, grifo meu).

O Pontífice, então, conclui: “Os homens têm a linha ministerial. As mulheres, a maternal. Teologicamente, se você me perguntar, quem é mais importante, Maria ou São Pedro, os apóstolos? Com certeza Maria. Certamente! É mais importante porque é figura da Igreja nessa linha não ministerial, mas eclesial” (FRANCISCO apud, DIEZ, 2023, 37min01s a 37min24s).

Essas afirmações chegam a soar ofensivas! Afinal, nós mulheres não estamos reivindicando ser mais importantes simbolicamente ou misticamente (em um sentido um tanto quanto distorcido de “mística”). Estamos reivindicando igualdade de direitos e de deveres (porque habitualmente o que acontece é que temos mais deveres e menos direitos!). Estamos clamando pelo reconhecimento de nossa dignidade batismal e de nosso ser plenamente humanas, em lugar de sermos consideradas como humanas de segundo nível, porque incapazes de representar sacramentalmente a Cristo e de pastorear adequadamente o povo de Deus!

O princípio dos ministérios petrino e mariano, assim como a antropologia da complementaridade que o sustenta e respalda, é um modo de perpetuação do patriarcado na Igreja Católica. Como afirmaram várias teólogas nos últimos meses, esse duplo princípio ministerial expressa uma ideologia e uma retórica da diferença sexual e da diferença de gênero que já foi desmascarada como um dos disfarces e das camuflagens atualmente adotadas para manter privilégios patriarcais (cf. PERRONI, 2022; MCELLWEE, 2023). Retórica e ideologia essas presente em grandes empresas, na política e em vários estratos da sociedade e, infelizmente, presente também na nossa Igreja, do Papa Francisco a rodas de conversa de gente com mentalidade aberta e com uma teologia muito progressista!

O patriarcado, como todo sistema opressor, se reinventa para continuar existindo. Assim é na sociedade em geral. Assim é também na Igreja Católica, que é certamente o maior patriarcado do Ocidente na atualidade. Neste novo modo patriarcal em que estamos vivendo, as mulheres são extremamente louvadas e elogiadas. Nossas incontáveis qualidades são exaltadas com grande frequência. Toda essa exaltação e louvor, porém, repercute em um quase nada de mudanças estruturais e de verdadeira igualdade de direitos e deveres. Apenas algumas poucas mulheres – e isso é também parte da estratégia desse modo patriarcal relativamente camuflado – são premiadas com cargos de liderança. Isso vemos em empresas, isso vemos na política, isso vemos na Cúria Romana.

A esse modo de elevação de mulheres – cuidadosamente selecionadas – a cargos de poder ou a lugares de destaque social, eu chamo “política do estandarte”: algumas mulheres são ali colocadas, bem visíveis, para que se perceba que “sim, aqui há mulheres e elas têm poder!”. Não sou totalmente contra a política do estandarte em todas as suas variadas manifestações. Eu mesma ocupo com bastante frequência esse lugar de “estandarte”. No entanto, faço aqui o contraponto de que esse tipo de ação pode ser apenas um modo de acalmar consciências um pouco mais inquietas. Considero que tal maneira de atuar pode ser valorizada como um passo – ainda que insuficiente – para mudanças efetivas e estruturais no nosso modo de ser Igreja e de compreender a igualdade entre mulheres e homens. Porém, muitas vezes não é

esse o objetivo de tais ações. Em várias circunstâncias, se não na maioria delas, trata-se apenas de sossegar os ânimos e diminuir o peso do clamor por mudanças estruturais.

Para ir finalizando, voltemos, com as palavras da biblista italiana Marinella Perroni, ao uso que o Papa tem feito do princípio do duplo ministério.:

Francisco tem dificuldade em se libertar da visão patriarcal que obriga masculino e feminino a um esquematismo que não se torna menos perigoso quando Pedro e Maria se estabelecem como figuras simbólicas de referência e se reserva a Pedro, isto é, aos homens, o ministério da autoridade, e a Maria, isto é, às mulheres, o carisma do amor (PERRONI, 2022).

Ressaltando os perigos dessa perspectiva teológica, Perroni acrescenta que é

completamente claro que formas de exaltação mística do feminino são diretamente proporcionais à recusa de reconhecimento público da autoridade das mulheres. [...] O princípio mariano-petrino que garante a preservação de estereótipos doutrinários, arranjos institucionais, práticas devocionais, revela [assim] toda a sua fragilidade (PERRONI, 2022).

Com base nessa fundamentação estereotipada dos lugares e dos papéis de mulheres e homens na Igreja Católica, fundamentada na antropologia da complementaridade, o Papa Francisco afirmou categoricamente, nos últimos meses, que o acesso das mulheres ao ministério ordenado está fora de discussão. E o fez já não referindo-se às afirmações de seus predecessores Paulo VI e João Paulo II, mas com essa “nova” roupagem simbólica e teológica que tende a ter grande influência em muitos segmentos da Igreja. Com isso, infelizmente, indica-se para as mulheres um campo de atuação restrito. Mais vasto que antes, mas não deixa de ser muito limitado, com menos possibilidades do que o campo de ação e de missão dos homens dentro da Igreja e – mais grave ainda – os limites desse campo continuam sendo definidos exclusivamente por homens.

## **2 QUE CAMINHOS PENSARIA SEREM NECESSÁRIOS PERCORRER PARA QUE A DIGNIDADE DA MULHER, QUE, SEGUNDO A TEOLOGIA DA *LUMEN GENTIUM*, É A MESMA DE TODOS OS FIÉIS, A SABER, A QUE É DADA PELO BATISMO, POSSA SER RECONHECIDA, VALORIZADA NA PERSPECTIVA DO CAMINHAR JUNTOS PROPOSTA PELO MESMO PONTÍFICE NO ATUAL CAMINHO SINODAL? COMO IMAGINA OS DESDOBRAMENTOS DO SÍNODO SOBRE A SINODALIDADE, NO QUAL VÃO PARTICIPAR HOMENS E MULHERES COM DIREITO A VOZ E VOTO?**

Em primeiro lugar, penso que a discussão não deveria ser sempre sobre ministério ordenado e digo isso com consciência de que eu mesma me centrei bastante nesse aspecto na resposta anterior. Por que, então, continuamos batendo nessa tecla? Porque a liderança real

e efetiva da Igreja, em suas várias instâncias, só pode ser exercida por ministros ordenados. Essa é a lei que temos, é o modo como a Igreja está organizada institucionalmente. Se isso mudasse, talvez a discussão sobre os espaços da mulher na Igreja estaria vinculada a outras pautas. Penso que avançaríamos muito se dissociássemos liderança e cargos diretivos e de decisão na Igreja do ministério ordenado como requisito obrigatório para o seu exercício. Há diversos postos dentro da Igreja que poderiam perfeitamente ser ocupados por pessoas não ordenadas, sejam mulheres ou homens. Pessoas que estão, inclusive, mais bem preparadas para esses cargos, que têm uma formação mais adequada para exercer determinadas funções. O próprio Papa está fazendo um movimento nesse sentido em algumas nomeações. Francisco fala muito sobre o clericalismo como um dos grandes males da Igreja. Desclericalizar a Igreja passa também por essa desvinculação entre exercício da autoridade e ministério ordenado.

Por outro lado, é preciso continuar discutindo e pensando, em perspectiva teológica e pastoral, a questão do ministério ordenado: o significado desse ministério, seus critérios vocacionais etc. É urgente também pensarmos a possibilidade de que sejam instituídos outros ministérios, com seu reconhecimento e seus ritos próprios. Isso certamente daria novo vigor ao modo de governo e de liderança da Igreja. A esse respeito, alguns pequenos passos foram dados: em 2021, Francisco fez mudanças na lei da Igreja para permitir que as mulheres fossem formalmente instituídas nos ministérios do leitorado e do acolitado (FRANCISCO, 2021a), assim como estabeleceu o ministério de catequista, aberto a homens e mulheres (FRANCISCO, 2021b).

Finalmente, em relação ao Sínodo e às mudanças no quadro de participantes com direito a voto, é certamente um bom sinal! Teremos mulheres – leigas e consagradas – votando no Sínodo. Teremos homens leigos e presbíteros votando. Essa e outras medidas adotadas pelo Papa Francisco são, sem dúvida, motivos de esperança. Ainda é pouco, mas já é algo. É sinal de que estamos a caminho. Esses avanços, porém, não podem nos fazer fechar os olhos para os limites que aponte antes.

## BIBLIOGRAFIA

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS (CCDDS). *Decreto: a memória litúrgica de Santa Maria Madalena elevada ao grau de festa no Calendário Romano Geral*. Roma, 2016. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/documents/sanctae-m-madalenae-decretum\\_po.pdf](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/sanctae-m-madalenae-decretum_po.pdf). Acesso em: 9 maio 2023.

CORPAS DE POSADA, Isabel. Con todo respeto, Papa Francisco, pero... *Vida Nueva Digital*. Blog “Mirada de Mujer”, 19 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.vidanuevadigital.com/blog/con-todo-respeto-papa-francisco-pero-isabel-corpas/>. Acesso em: 12 maio de 2023

DIEZ. *10 años de pontificado: el Papa Francisco mano a mano con Jorge Fontevicchia*. 2023. Vídeo Youtube (2h24min25). Publicado pelo canal Perfil: Periodismo puro em tempo real. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=19wllrs4jx4>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Roma, 2013a. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html). Acesso em: 9 maio 2023.

FRANCISCO. *Diálogo do Papa Francisco com as participantes na plenária da União Internacional das Superioras Gerais* (UISG). Vaticano, 2016. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2016/may/documents/papa-francesco\\_20160512\\_uisg.html](https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2016/may/documents/papa-francesco_20160512_uisg.html). Acesso em: 9 maio 2023.

FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco às participantes na XXI Assembleia Plenária da União Internacional das Superioras Gerais* (UISG). Vaticano, 2019. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco\\_20190510\\_uisg.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190510_uisg.html). Acesso em: 9 maio 2023.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia*. Roma, 2019. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20200202\\_querida-amazonia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html). Acesso em: 12 maio 2023.

FRANCISCO. *Carta Apostólica sob forma de Motu proprio Spiritus Domini*. Roma, 2021a. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu\\_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210110\\_spiritus-domini.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210110_spiritus-domini.html). Acesso: 21 jul. 2023.

FRANCISCO. *Carta Apostólica sob forma de Motu proprio Antiquum Ministerium*. Roma, 2021b. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu\\_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210510\\_antiquum-ministerium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210510_antiquum-ministerium.html). Acesso: 21 jul. 2023.

JOHNSON, Elizabeth. *Nossa verdadeira irmã: teologia de Maria na comunhão dos santos*. São Paulo: Loyola, 2006.

ROCHE, Artur. *Apostolorum apostola*. Roma: CCDD, 2016. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/documents/rc\\_con\\_ccdds\\_doc\\_20160610\\_articolo-roche-maddale-na\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20160610_articolo-roche-maddale-na_po.html). Acesso em: 9 maio 2023

PAULO VI. *Exortação Apostólica Marialis cultus*. Roma, 1974. Introdução. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19740202\\_marialis-cultus.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html). Acesso em: 21 jul. 2023.

PERRONI, Marinella. O duplo princípio. Aquele mariano e petrino: vamos falar sobre isso. *Donne Chiesa Mondo*, dez. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/624578> Acesso em: 12 maio 2023.

SECRETARIA GERAL SÍNODO DOS BISPOS (SGSB). Documento final da Assembleia Especial para a região Panamazônica. Vaticano, 2019. n. 103. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20191026\\_sinodo-amazzonia\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sinodo-amazzonia_po.html). Acesso em: 12 maio 2023.